

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O NÍVEL KODANSHA NO JUDÔ FLUMINENSE

Roberto Alves Garcia¹; André da Silva Mello²; Vinícius Ruas Ferreira da Silva³; Sebastião Josué Votre⁴.

RESUMO

Este estudo analisa a prática e o discurso de *judocas* fluminenses sobre o nível *kodansha* e sobre as motivações para atingir esse nível. O *corpus* é constituído por discursos de 12 faixas-pretas de judô e pela observação participante, realizada em exame de faixa promovido pela Federação Fluminense. Os dados foram editados e sintetizados segundo a abordagem do sujeito coletivo, com atenção para consensos e dissensos. Com suporte da Análise Crítica do Discurso, localizamos e interpretamos as estratégias de justificação e autorização. Os resultados levam a concluir que os faixas-pretas estão concentrados em interesses imediatos, de prestígio, poder e compensação financeira, embora citem o aumento do conhecimento como primeira motivação para obtenção do sexto *dan*.

Palavras-chave: Kodansha. Representações. Análise Crítica do Discurso.

PRATICES AND REPRESENTATIONS ON THE *KODANSHA* LEVEL JUDÔ IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

This study analyses the practice and discourse of judo participants in the State of Rio de Janeiro in the *kodansha* level, as well as the motivations to reach this level. The *corpus* is comprised of the discourses of 12 black belts in judo and by the accompanying observations conducted during the belt examination of the Rio de Janeiro State Federation (*Federação Fluminense*). The data has been edited and synthesized according to the approach of the collective subject, with special attention placed on the consensus and dissensus. Supported by Critical Discourse Analysis, the strategies for justification and authorization have been identified and interpreted. The results have lead to the conclusion that black belts are focused on immediate gratification, prestige, power and financial compensation, although citing the increase in knowledge as the primary motivating force behind obtaining the sixth *dan*.

Keywords: Kodansha. Social Representations. Critical Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO

Os princípios educativos do judô vêm sendo difundidos em nossa sociedade (RUFFONI, 2004; BAPTISTA, 2003; PERUCA, 1996) e é crescente o interesse de pais e educadores por essa arte marcial como meio para o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes, que associam valores como respeito, hierarquia e disciplina à sua prática. Fundado por Jigoro Kano, há 130 anos, o judô é considerado como a arte do equilíbrio e instrumento eficaz para cultivar os sentidos e o autoconhecimento. Muito mais do que a força e a supremacia física, no judô preza-se pela máxima eficiência com o menor gasto de energia (*Seiryoku Zen Yo*) e a busca pelo bem-estar, para o desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade (*Jita Kyoei*).

Os princípios que orientam a prática do judô são: 1) conhecer-se é dominar-se, dominar-se é triunfar; 2) quem teme perder, já está vencido; 3) somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade; 4) quando verificares com tristeza que não sabes nada, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado; 5) nunca te orgulhes de haver vencido um adversário, pois aquele que venceste hoje, poderá derrotar-te amanhã; 6) a única vitória que perdura, é a que se conquista sobre a própria ignorância; 7) o judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar; 8) o judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus semelhantes; 9) saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem, esse é o caminho do verdadeiro judoca; 10) praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como o corpo, para obedecer com justeza, pois o corpo é uma arma, cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência (VIRGÍLIO, 1986).

Na escala hierárquica do judô, o grau de *kodansha* [1] é concedido aos mestres (*senseis*) que, para além do domínio dos fundamentos e das técnicas da luta (*katás*), assimilaram e propagam os princípios e a filosofia dessa modalidade de luta. Os faixas-pretas do primeiro ao quinto *dan* [2] são denominados *yudanshas* [3]. Os faixas vermelhas e brancas, do sexto ao oitavo *dan*, e os faixas vermelhas, do nono ao décimo *dan*, são denominados *kodanshas*. A utilização da faixa vermelha e branca e da vermelha é opcional, por isso parte dos *kodanshas*, em um gesto de humildade, continua usando, a faixa preta. Ao valorizarem os princípios educativos e a filosofia dessa luta, competências que geralmente são internalizadas com a maturidade, muitos mestres afirmam que “começa-se a aprender o judô depois da faixa preta” (SOBRINHO, 1996; SILVA, 2008).

Sendo a escala máxima na hierarquia e o representante da “essência” do judô, o grau de *kodansha* é amplamente pleiteado pelos faixas pretas do quinto *dan*. Entretanto, o Estado do Rio de Janeiro possui 63 *kodanshas*: 59 homens e quatro mulheres. Muitos deles são desconhecidos e, às vezes, ignorados pelo grande público e por alguns *judocas*. A Federação Fluminense de Judô tem um número relativamente pequeno de praticantes no quinto *dan*, que são candidatos ao nível *kodansha*, se comparados aos faixas pretas do primeiro *dan*: são 28 contra 1.234 [4]. Ao atingir a faixa preta, boa parte dos judocas fluminense não se submete aos exames para galgar níveis mais elevados de graduação.

Os números indicam que há um afunilamento, uma espécie de “desinvestimento” dos faixas pretas para atingirem os níveis mais elevados na escala hierárquica do judô. Compreender as razões que levam a esse desinvestimento é que motivou a realização deste estudo. Interessa-nos identificar e analisar, por meio dos discursos e das práticas dos faixas pretas fluminenses do primeiro e, sobretudo, do quinto *dan*, os fatores que os levam a não pleitear o cume da pirâmide no judô.

OBJETIVOS E EXPECTATIVAS

Nesse cenário paradoxal, em que o nível máximo na escala hierárquica do judô não é pleiteado pela maioria dos faixas pretas fluminenses, é que se inserem os objetivos deste estudo, que são: a) identificar e descrever as representações sociais dos faixas pretas, do primeiro e do quinto *dan* no judô fluminense, sobre o nível *kodansha*; b) compreender os fatores que colaboram para o afunilamento do número de *judocas* faixas-pretas do primeiro ao quinto *dan* no estado do Rio de Janeiro e; c) analisar as motivações pessoais e as aspirações profissionais que os *judocas* faixas preta têm em relação ao nível *kodansha*. Dada a polêmica presente no Estado do Rio de Janeiro, quanto à progressão para o nível *kodansha*, avaliamos as percepções dos informantes do quinto *dan*, face aos critérios de promoção aos graus mais elevados.

Nossa hipótese inicial era de que razões financeiras e de disponibilidade de tempo favorecessem o afunilamento na distribuição desigual da hierarquia dos lutadores. Por outro lado, imaginávamos localizar-se no plano simbólico, na conquista de *status*, a motivação para aquisição de um grau superior.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Focalizaremos as representações sociais dos *judocas* faixas pretas fluminenses sobre o nível *kodansha*. Para Moscovici (2007, p. 29), as representações sociais são compreendidas como um

[...] sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos do seu mundo e da sua história individual e social.

Segundo o autor, é necessário entender a dialética do conhecimento pela perspectiva intermediária – a linha tênue do processo de construção, elaboração e difusão de saberes (ancoragem e objetivação) [5] – que se encontra entre o indivíduo e a sociedade, partindo essa elaboração cognitiva não só do indivíduo, mas também da estrutura social que tem vida própria.

As representações sociais constituem-se, portanto, como fonte de referência do pensamento e da prática. Têm sua gênese na “arte da conversação”, nas ações e reflexões que permeiam nossas relações cotidianas. Representar é mais do que reproduzir o objeto da representação; é dele apropriar-se, reconstituí-lo e modificá-lo. Representações sociais constituem um campo de conhecimento e prática dos indivíduos, formado nos universos consensuais, que lhes permite expressar suas opiniões e percepções, seus pontos de vista, suas atitudes, bem como seus comportamentos.

A teoria das Representações Sociais convive bem com a orientação plurimetodológica e, de fato, não privilegia um método de pesquisa em especial. Dessa forma, elegemos a Análise Crítica de Discurso – ACD (FAICLOUGH, 2001; VAN DIJK, 2003; RESENDE e RAMALHO, 2006) para interpretar os discursos dos informantes. A ACD explicita as relações de poder que se estabelecem via linguagem, dando visibilidade aos discursos daqueles que se encontram inferiorizados nas relações sociais assimétricas.

O *corpus* deste estudo é constituído por entrevistas semiestruturadas individuais com 12 faixas pretas: seis faixas pretas do quinto *dan*, cinco homens e uma mulher; e seis faixas pretas do primeiro *dan*, cinco homens e uma mulher. Para a observação da prática, contamos com um contexto favorável, no preparo dos candidatos para a troca de faixa: observamos que raros são os *kodanshas* que ministram aulas e/ou treinos em academias, escolas ou clubes; eles atuam quase sempre como coordenadores e/ou consultores e, caso venham a competir – o que acontece geralmente na classe master – são obrigados a lutar com a faixa preta.

A observação participante foi registrada em diário de campo, com a descrição das ações dos *judocas* faixas-pretas *yudanshas* e dos *kodanshas*. Os contextos das observações foram os módulos para exame de faixa preta e as reuniões da Comissão Estadual de Graus, entidade que ratifica as relações hierárquicas do judô e apresenta os candidatos à aquisição dos *dans* mais elevados. Um dos autores deste estudo é *kodansha* de sétimo *dan*, portanto as suas representações também foram interpretadas.

Nos parágrafos seguintes, relatamos alguns aspectos do cotidiano dos módulos e da avaliação para promoção. A convivência com os *judocas*, em sessões oficiais, revela alguns comportamentos típicos: os faixas-pretas sempre estão vestidos com o *judogui* [6] e, conseqüentemente, ostentam as suas faixas. São os membros da comissão que realizam o aquecimento e ministram as aulas para os *judocas* candidatos à promoção. Geralmente são os *judocas* de sexto e oitavo *dan* que conduzem os exames, raramente, os de nono participam. O *judoca* de nono *dan* é o presidente de honra da Comissão Estadual de Graus. No Brasil, não há *judocas* no décimo *dan*. O décimo primeiro *dan* foi concedido apenas para o fundador dessa arte marcial, Jigoro Kano.

Os membros do quinto *dan* não concordam com os critérios para a promoção ao sexto *dan*, que corresponde ao primeiro grau do nível *kodansha*, pois essa promoção não depende dos méritos pessoais, ela ocorre por indicação dos portadores de *dans* superiores. A Comissão Estadual de Graus do Rio de Janeiro, que é composta exclusivamente por *kodanshas*, controla o acesso de judocas fluminenses a níveis mais elevados na escala hierárquica do judô. Os membros dessa comissão se concentram na região metropolitana, apenas dois representantes não são da capital do estado. O valor cobrado para os exames do nível *kodansha* é de, aproximadamente, dois mil e quinhentos reais [7], o que inibe parcela de faixas pretas do quinto *dan* de pleitearem esse nível de graduação. O dinheiro arrecadado nos exames é destinado à Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro e à Confederação Brasileira de Judô.

Há representações relativamente homogêneas na comunidade dos faixas pretas sobre o significado do nível *kodansha*: “elevados índices de aprimoramento espiritual, sem conotação religiosa; aprofundamento em atividades de refinamento estético, como esculturas e pinturas”. Nesse processo de aprimoramento, o domínio dos *katás* e da sua simbologia são considerados fundamentais. As representações sobre *kodanshas*, focalizadas pela federação fluminense, não vão muito além das ideias acima expostas, mas retoma e repete expressões como “filosofia da suavidade, confraria, responsabilidade social e ética”.

EDIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados, seguimos a abordagem crítica do discurso (VAN DIJK, 2003) sobre os contextos global e local, como relevantes para extrair e inferir os significados do discurso. O contexto global da pesquisa é de acontecimento singular, uma vez que os entrevistados e o entrevistador estão diretamente envolvidos com os temas do estudo, que dizem respeito a representações sociais sobre os graus do judô, sobre critérios e motivos para a promoção e sobre assimetrias entre as taxas de praticantes do primeiro e do quinto *dan*.

O contexto local diz respeito ao ambiente das entrevistas, que é o próprio local em que se ministram os módulos e se fazem os exames de faixa; diz respeito também ao fato de o entrevistador ser colega dos portadores de quinto *dan*, que aspiram ao nível *kodansha* e que veem seus projetos serem adiados, pela mudança de critérios para promoção e pelo aumento do tempo de carência. Os contextos têm efeitos sobre o que dizem os informantes e como dizem, mas não invalida e nem retira das entrevistas o foco no conteúdo. Antes, dado o ambiente de estudo, e o caráter de teste e discussão que as entrevistas favorecem, os *judocas* participantes do estudo produzem informações refletidas e ponderadas.

A interpretação das entrevistas, associada ao que captamos na observação participante, é que os informantes legitimam e autorizam uma leitura edificante de suas aspirações e representações sociais sobre a ascensão no judô fluminense. Os informantes se esforçam por construir uma imagem de pessoas comprometidas com a manutenção das tradições do judô, embora as suas ações e representações permitam inferir que estão interessados em compensações financeiras e político-simbólicas advindas dessa modalidade esportiva.

As questões relativas aos motivos para a promoção ao sexto *dan* e os critérios para pleitear esse nível, foram efetuadas apenas com os *judocas* do quinto *dan*. Entendemos que essas questões são relevantes apenas para esse extrato, pois são os *judocas* de quinto *dan* que se envolvem diretamente com as oportunidades, as restrições e os bloqueios de prosseguimento na carreira. Enquanto esse segmento pode estar sendo impedido há dois ou mais anos, em decorrência da mudança de critérios para a promoção, os *judocas* faixas pretas do primeiro *dan* estão, a princípio, a 15 ou mais anos de tempo dessa oportunidade.

As perguntas comuns ao quinto e ao primeiro *dan* focalizam as representações sobre o nível *kodansha* e as razões para o afunilamento do número de *judocas* do primeiro ao quinto *dan*. A seguir, efetuamos uma síntese das respostas de cada segmento a cada questão, como procedimento para a interpretação das representações desses informantes.

RESULTADOS DA EDIÇÃO E SÍNTESE DAS RESPOSTAS

A edição consiste em extrair e agrupar os sentidos comuns presentes nos discursos dos entrevistados,

àqueles sentidos que são compartilhados entre eles. Nessa perspectiva, juntamos fragmentos das falas dos entrevistados, que estabelecem coesão em relação ao objeto da representação. Apresentamos no *discurso do sujeito coletivo* a edição das respostas do quinto *dan* às questões sobre motivos e critérios para a promoção ao sexto *dan*. Nesse discurso, as falas para motivos reúnem:

[...] valorização pelo trabalho que você vem realizando ao longo desses anos, uma realização, de todo um trabalho que você vem fazendo ao longo de sua vida, gradativamente, a minha motivação parte muito também dos meus alunos, além da minha própria.

Por vezes, o discurso é contraditório, como:

[...] chegar ao *kodansha* foi uma tendência natural, eu nunca pensei que poderia chegar, é quase que um sonho realizado, é um ciclo que você começa a refletir sobre você mesmo, você passa a ter uma autoanálise do todo.

Outras vezes, é de autocrítica:

[...] você reconhece que não é mais um atleta, que você precisa evoluir.

A síntese é de que os sujeitos procuram motivos razoáveis para se justificarem, quando na verdade querem manter-se no poder, e aumentar a representação política, quando lhes falta o vigor atlético. A interpretação dos discursos acima é que se alternam razões positivas, de mérito pessoal e profissional, com razões associadas ao avanço da idade ou do amadurecimento. A interpretação final é que os *judocas* de quinto *dan*, precários de vigor atlético, justificam o seu envolvimento com a carreira burocrática do judô para manter e aumentar a sua representatividade política, em um contexto em que o judô brasileiro necessita se reaproximar dos princípios morais e filosóficos propugnados pelo seu fundador Jigoro Kano. O momento atual da Confederação Brasileira de Judô, ao vetar as promoções ao sexto *dan*, há três anos, indica a necessidade de reflexão e de moralização dessa arte marcial.

Quanto aos critérios e requisitos para a promoção, a edição das respostas dos *judocas* de quinto *dan*, que aspiram ao sexto *dan* e que veem frustrados os seus projetos de ascensão por decisões da Confederação Brasileira de Judô, denota no discurso do sujeito coletivo que:

[...] já se faz o momento de um estudo profundo para que novas mudanças ocorram, novos critérios para a promoção de grau, eu gostaria que mudasse, que houvesse avaliações, que fosse como é feito até o quinto *dan*, a federação de judô e a confederação estão procurando se reformular e dar um respaldo para que a gente possa estar fazendo estas mudanças de graduação a contento..

Destaca-se também que:

[...] os pré-requisitos de hoje são você ter trabalhos prestados ao judô, à Federação, à Confederação.

A síntese desse discurso é de que os *judocas* de quinto *dan* não estão satisfeitos com estado atual da política de promoção a partir desse *dan*. A interpretação é que o judô brasileiro passa por uma crise de identidade, que se manifesta na busca de novas alternativas para se realinhar na filosofia do fundador.

Passemos agora à edição das questões comuns ao quinto e ao primeiro *dan*, que dizem respeito a representações sobre o sexto *dan* e razões para o afunilamento dos escores, do primeiro ao quinto *dan*. Para cada questão, procedemos primeiro à edição do discurso do quinto *dan*:

[...] é o grau de aprendizado que você vai tendo neste período, nós aqui, do judô fluminense, nós não somos muito adeptos dos katás, e você vai aprendendo a fazer esses katás; você aprende novas técnicas no katá do judô; é onde a gente vai começar a aprender o judô; apenas algumas pessoas poderiam ter realmente este grau, mestre em judô.

Há os que entendem

[...] que o *kodansha* venha a entrar na vida de um *judoca* como merecimento máximo, é toda uma experiência, é uma construção.

A síntese do discurso da resposta combina aprendizado e merecimento. A interpretação é que os *judocas* procuram responder ao entrevistador como quem está sendo testado em seu conhecimento sobre algo que lhes é vago, difuso ou incompreensível. As frases feitas, os clichês sobre o aprendizado ocultam as representações pragmáticas sobre as vantagens financeiras e o poder; o uso do termo “*merecimento*” oculta prestígio e honra.

São muito mais resumidas e vagas as respostas do discurso do primeiro *dan*:

[...] são pessoas de quem nós podemos obter importantes informações sobre a filosofia do judô, representam o ensinamento mais profundo que o judô pode ter.

A contradição do discurso aparece em:

[...] a faixa vermelha e branca representa muito, pois a gente só começa a aprender judô a partir da faixa-preta, embora certos *kodanshas* estejam despreparados para a graduação que têm.

A síntese do discurso é que os *judocas* de primeiro *dan* não sabem o que representa o nível *kodansha*, mas sabem que alguns atributos negativos estão presentes nesse nível. A interpretação é que a pergunta teve uma resposta tão inapropriada que, à primeira vista, talvez não devesse ser dirigida a eles. Entretanto, a falta de saber sobre toda uma série de graus, para quem ostenta a faixa-preta, mostra que há pouco empenho em ensinar e aprender sobre as características básicas do judô, como: princípios, máximas e ideologias.

Editemos agora o discurso das razões para o afunilamento no número de *judocas*, do primeiro ao quinto *dan*. Uns valorizam a dificuldade:

[...] é um grau de grande responsabilidade; deve existir essa dificuldade maior; para ver se a pessoa se dedica bastante a esse objetivo; você tem todo um mergulho dentro da filosofia, dentro das técnicas; e não é para qualquer pessoa.

Outros, o desinteresse:

[...] certo comodismo; existe uma falta de motivação por parte dos faixas-pretas mais novos em fazer novos exames; existem professores de judô que são profissionais de outras áreas e que se acomodam e ficam satisfeitos ao estarem no primeiro, no segundo, no terceiro.

No discurso, a síntese das razões para o afunilamento combina responsabilidade do *dan* superior e comodismo no primeiro *dan*. Vejamos agora o discurso das razões para o afunilamento, segundo os *judocas* do primeiro *dan*:

[...] a parte financeira; vou chegar à faixa-preta, vou parar, tá bom; outros migram para determinadas profissões incompatíveis com o judô, então param; por outro lado, é preciso ser seletivo.

A síntese do discurso revela custo para prosseguir e satisfação por ter chegado ao primeiro *dan*. A interpretação é que os números altos no primeiro *dan* fazem sentido, assim como a rarefação no quinto *dan*, que precisa ser seletivo. Os *judocas* do primeiro *dan* oferecem mais elementos para compreender a satisfação nesse grau do que os *judocas* de quinto *dan*, eles mesmos são um exemplo do desejo de prosseguir.

Os praticantes de judô do Rio de Janeiro passam por duas fases distintas: a técnico-competitiva, dos *yudanshas*, que começa no primeiro *dan*, quando se adquire a faixa preta, e a técnico-política, para o acesso ao nível dos *kodanshas*, quando se adquire a faixa vermelha e branca. Durante a primeira fase, o objetivo é a competição e o foco são os resultados. Essa fase tem um pico no terceiro *dan*, pois os que ascenderam a esse *dan* estão autorizados a fazer exame de troca de faixa dos *kyus*, até a faixa marrom, o que representa oportunidades de auferir renda extra ao final de cada ano, quando se fazem os exames de faixa.

A promoção dos *judocas* de faixa marrom e preta supõe que eles participem dos módulos para o exame final, após cumprirem a carência prevista em cada extrato. Eles referem o custo dos módulos e do exame, porém arcam com as despesas, apoiados pelos pais ou motivados por suas próprias expectativas em relação ao futuro como professores de judô: começam a ministrar aulas remuneradas e são intitulados “Mestres” pela sociedade e por si próprios. De certo modo, concluíram a carreira, pois após a conquista dessa faixa, apenas 10% dos *judocas* objetivam galgar os níveis superiores. A quase totalidade se contenta com essa faixa e não se sente motivada a continuar, alegando falta de tempo e de dinheiro para os módulos e exames.

O interesse pelos *dans* superiores, do nível *kodansha*, fica mais evidente quando a idade avança e o desempenho atlético decai. Manifestam-se então outros interesses, associados ao poder, prestígio e reconhecimento da comunidade judoística, com os cargos de árbitro, técnico ou presidente de federação e confederação. Os entrevistados dizem que os *kodanshas* são os detentores da filosofia do judô e do conhecimento dos *katás* e das técnicas, responsáveis pela perpetuação das tradições dessa luta.

Nessa fase, segundo os discursos de seus aspirantes, se prioriza a filosofia, o domínio e o refinamento dos *katás* e das técnicas. Os poucos que procuram os níveis superiores já teriam conseguido equilibrar as suas finanças e teriam o amadurecimento necessário para vislumbrar ganhos que vão além dos monetários. Entretanto, entendemos que os aspirantes aos graus superiores estão envolvidos com a busca da notoriedade e da consagração por merecimento. Razões econômicas e políticas ditam os passos e as estratégias para a ascensão. Eles querem subir aos mais altos graus da escala hierárquica institucionalizada dos pós-graduados, considerados como um grupo seleta, uma confraria. É por isso que rotulamos essa fase de técnico-política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos dos entrevistados evidenciam que o percurso para aquisição do grau de *kodansha* exige mais do que o domínio dos *katás* e da filosofia do judô. Surgem questões de caráter financeiro e de controle de poder, associadas à falta de transparência nos critérios de promoção, que inibem parcela significativa dos faixas pretas fluminenses de pleitearem a escala máxima na hierarquia do judô. Por outro lado, muitos já se sentem satisfeitos com a faixa preta e não possuem maiores aspirações de prosseguimento na carreira. Entendemos que, em todas essas situações, os princípios e a filosofia do judô ficam em segundo plano, pois os interesses pessoais e/ou corporativos sobressaem sobre os valores educativos que norteiam a prática dessa luta. Sugerimos que haja uma reorientação pedagógica, promovida pela federação e pela confederação, para que os princípios disseminados por Jigoro Kano sejam resgatados e norteiem, tanto dentro como fora dos tatames, as práticas e as representações dos mestres do judô.

Notas:

1. Graduados do sexto ao décimo *dan*
2. *Dan* corresponde a grau, nível hierárquico.
3. Graduados do primeiro ao quinto *dan*.
4. Dados fornecidos pela Federação de Judô do Estado Rio de Janeiro em 2008.
5. Moscovici fala sobre os dois processos que geram as representações sociais: ancoragem e objetivação. Para o autor, “[...] esses mecanismos transformam o não familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar” (MOSCOVICI, 2007, p. 61).
6. Vestimenta própria para a prática do judô
7. Dados fornecidos pela Federação de Judô do Estado do Estado do Rio de Janeiro em 2008

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, C.F.S. **Judô da escola a competição**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 2003.
- FAICLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 2001.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PERUCA, A. **Judô: Metodologia da participação**. Londrina, PR: Lido, 1996.
- RESENDE, V.M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.
- RUFFONI, R. **Análise metodológica da prática do judô**. Mestrado em Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 2004.
- SILVA, V.R.F. Os extraordinários samurais e a etnografia de Jigoro Kano. Rio de Janeiro: **Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro**, disponível em: <http://www.judorio.org.br/fique_ligado/artigos/Artigo17.doc> Consultado em 10 de fevereiro de 2008.
- SOBRINHO, R.F. **Regulamento de promoção e controle de faixas**. Rio de Janeiro, RJ: CBJ, 1996.
- VAN DIJK, T.A. La multidisciplinaridad del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad. In WODAK, R. & MEYER, M. **Métodos de análisis crítica del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003,
- VIRGÍLIO, S. **A arte do judô**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

-
- 1 Centro Universitário de Barra Mansa - UBM.
2 Universidade Federal de Vila Velha - UVV.
3 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.
4 Universidade Gama Filho - UGF.

Rua Tuiuti, 03
Vila São Geraldo
Volta Redonda/RJ
27253-670